

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

NO TEXTO:

Reprodução fac-similar de pág. da edição original com correções do autor	XXIV
Outra reprodução fac-similar de pág. da 1. ^a edição de <i>Tropas e Boiadas</i>	XXXI
Mais uma reprodução fac-similar de pág. da edição príncipe de <i>Tropas e Boiadas</i>	XXXIX
Fac-símile de ms. de H. de C. R.	XLV
Reprodução fac-similar de pág. de <i>Tropas e Boiadas</i> (1. ^a ed.) corrigida por H. de C. R.	XLVII
Outro fac-símile de ms. de H. de C. R.	XLIX
Reprodução fac-similar de trechos do ms. do conto "A Madre de Ouro"	LXVIII
Reprodução fac-similar do ms. de carta de Coelho Neto a H. de C. R.	LXXI
Reprodução fac-similar do ms. de carta de João do Rio a H. de C. R.	LXXII
Fac-símile da pág. de rosto da edição príncipe de <i>Tropas e Boiadas</i>	LXXIII

FORA DO TEXTO:

ENTRE PÁGS.

Hugo de Carvalho Ramos aos 21 anos	VIII e IX
Casa onde nasceu H. de C. R.	VIII e IX
H. de C. R. em companhia de amigas	VIII e IX
H. de C. R. ao concluir o curso superior no Rio de Janeiro	VIII e IX

NOTA BIOGRÁFICA SÔBRE

HUGO DE CARVALHO RAMOS (1895-1921)

por *Victor de Carvalho Ramos*

A ÁRVORE genealógica de Hugo tem suas raízes em ancestrais procedentes de três Estados—Goiás, Bahia e Pernambuco.

O goiano Bartolomeu Lourenço da Neiva e Silva, dos primeiros povoadores dos goiases, que se casou com Gertrudes da Neiva, é o seu mais alto antecedente conhecido em linha reta, pelo lado materno.

Do casamento de sua filha Ana Joaquina do Nascimento e Silva com Antônio Joaquim Marques nasceu Francisca Ermelinda da Silva Marques, bisavó de Hugo, conhecida na família por Mãe-Xi, que se casou com o Alferes Joaquim Francisco de Assis Arruda. Uma de suas filhas, de nome Mariana, foi casada, em primeiras núpcias, com o Alferes Porfírio Leite de Barros, morto na Retirada da Laguna, e, em segundas núpcias, com Francelino Fenelon de Loiola, pernambucano e filho de Inácio Bento de Loiola, fundador de vários jornais provincianos.

Do casal Francelino Fenelon de Loiola e Mariana de Assis Arruda nasceu sua segunda filha Mariana, que, a 8 de novembro de 1891 veio a casar-se com o Dr. Manoel Lopes de Carvalho Ramos, tornando-se os progenitores de Hugo.

O avô paterno de nosso biografado—Antônio Lopes de Carvalho Sobrinho, nascido na antiga freguesia de Santo Antônio de Jacobina, comarca de Bonfim, na Bahia, era filho legítimo de José Matias de Carvalho e Mariana Custódia de Jesus, falecidos, respetivamente, em 1892 e 1887.

Antônio Lopes de Carvalho Sobrinho foi morar em Cachoeira como comerciante e aí se casou em 5 de março de

1859 com Rosulina Martins Ramos, de uma das principais famílias da cidade. O terceiro filho do casal, nascido a 10 de agosto de 1865, de nome Manoel, foi o pai do autor de *Tropas e Boiadas*.

O avô paterno de Hugo, não obstante levar vida trabalhosa, dedicava-se à Literatura, tendo até, em 1863, publicado um opúsculo de versos *Horas Vagas*, reunindo mais tarde sua produção poética no *Album do meu Silêncio*, que não veio à luz da publicidade.

O tio-avô paterno de Hugo—João Lopes de Carvalho—agraciado com o Hábito de Cristo e da Rosa, morreu, a 24 de setembro de 1867, como tenente-ajudante na Guerra do Paraguai. Mais tarde o sobrinho-neto falaria que em suas veias havia “o fatalismo das ancestralidades desaparecidas, feitas de artistas noctívagos e homens de pena: poetas, boêmios latinistas e soldados conquistadores. Todos sofrendo a angústia dos sonhos descritos, todos experimentando as torturas da vida dissipada em vão; uns gemendo sob o peso das ingratidões humanas, outros curtindo os rigores da campanha sob os sóis das marchas forçadas, dos pesadelos de sítio e entrevésperas de batalhas”.

Manoel Lopes de Carvalho Ramos, depois de concluído o curso jurídico em Recife em 1886 e de advogar e lecionar em Cachoeira, foi para Tôrres de Rio Bonito, hoje Caiapônia, na então província de Goiás, nomeado juiz municipal pelo Imperador D. Pedro II.

Nesse sertão goiano compôs o poema épico *Goiânia*, de onde veio o nome da nova Capital do Estado, e algumas poesias de *Os Gênios*.

Em princípios de 1891 se transfere para a antiga Capital do Estado como juiz seccional substituto.

Hugo nasceu na Cidade de Goiás, no Largo do Chafariz, a 21 de maio de 1895, justo quando seu pai mandava imprimir no Pôrto, Portugal, suas principais obras *Goiânia* e *Os Gênios*.

Ele ia chamar-se Juvenal, conforme se lê em um noticiário do órgão bulhonista *Goyaz*, de 27 de maio de 1895, mas êsse

nome fôra substituído pelo de Hugo quando de seu registro no Cartório de Paz

Hugo estêve no Rio de Janeiro com os pais em 1889 e assistiu, maravilhado, à chegada do General Júlio Rocca com o interminável desfile de soldados.

De nôvo em Goiás, acompanhava às vêzes o pai nas suas viagens pelas comarcas vizinhas no exercício do cargo de juiz da 1.^a vara da Capital. Pelo caminho ia formando sua mentalidade de sertanejo, apegando-se às coisas da terra, com suas tropas e boiadas, ao guizalhar da cabeçada da madrinha, e ao chiar dos carros de bois pelas estradas ensolaradas, numa nuvem de poeira. Em cada pouso observava como se amilhava a tropa, se descangavam os bois carreiros, se preparava a “bóia” no tripé da “mariquita” e se cosia uma cangalha suada.

O sertão imenso e misterioso, cheio de surpresas e assombramentos, ia-se-lhe gravando pouco a pouco no subconsciente, tomando conta de sua alma.

Hugo crescia, preparando-se para enfrentar um mundo agressivo, que tanto êle temia e que, afinal, o devorou.

Era franzino, tímido, desconfiado.

O pai sempre tivera por êle extremoso afeto. Quando em viagem, a serviço da Justiça, não deixava de recomendá-lo à espôsa em tôdas as suas cartas. Numa delas, datada de Rio Verde a 21 de fevereiro de 1898, escrevia, angustiado: “Meu filho, meu filho Hugo, tudo para mim, tudo, esperança, amor, felicidade! Não sei por que sinto por êle tão extraordinário amor!”

Por sua vez Hugo retribuía-lhe os carinhos. Não podia separar-se do pai, que o trazia sempre ao colo. Carvalho Ramos chamava-o “meu Sabolim”.

O filho querido guardou do pai carinhoso a mais duradoura recordação. Escrevia-lhe de Goiás, quando êle se transferiu para o Rio de Janeiro em tratamento de saúde, cartas cheias de ternura, repassadas de saudades. “Carta de um romântico”, incluída em *Obras Completas*, revela sua profunda mágoa pelo desaparecimento do pai.

Um velho carajá domesticado morava com Maria de Tio, preta fôrra pela família, num dos bairros da velha Capital. Hugo gostava de conversar com o índio Joaquim. Este, pito à boca, acorçado junto ao tacho de sabão montado num tripé de pedra, à guisa de fornalha, ficava horas a fio rememorando, para a curiosidade do menino, sua vida numa das aldeias do Alto Araguaia. Num linguajar enrolado, narrava-lhe a briga constante de sua tribo com os xavantes ao longo do Rio das Mortes. E arrematava:

“—Éh, patrãozinho, gente braba os xavantes!”

A infância descuidosa ia passando. Urgia iniciar os estudos. Contava, então, seis anos de idade. Entrou para a escola particular de D. Silvina Ermelinda Xavier de Brito, mais conhecida por “Mestra Silvina”. Foi um dia repreendido por uma travessura qualquer. Embirrou, não quis voltar mais à escola. Passou a estudar com o Professor José Antônio de Jesus, mas logo se transferiu para as aulas do grande educador Aires Feliciano de Mendonça, que preparava alunos para a matrícula no liceu.

Hugo freqüenta o curso, mas não gosta de Matemática. É uma ciência árida, dizia êle, sem os encantos das belas descrições. Nas horas de sueto lê Alexandre Dumas. Os heróis dos *Três Mosqueteiros* empolgam-no. Quer pôr em prática as façanhas de D’Artagnan. Tornou-se um menino relento, provocador de brigas. Juntava-se a outros colegas amigos para vingar-se de desafetos. As rixas terminavam em pancadarias. O professor e pais das vítimas pediam providências. Carvalho Ramos propôs um remédio—Hugo só chegaria às aulas depois de começadas e o professor o soltaria antes de terminadas.

Justificava-se dos insultos recebidos nas ruas anotando-os cuidadosamente num caderno, cuja leitura, por êle feita em casa, provocava boas gargalhadas das pessoas da família.

O período, porém, de herói de romance durou pouco. Já no liceu modificou-se-lhe o temperamento. Passou a viver ensimesmado, macambúzio, arredio dos colegas, freqüentador assíduo do Gabinete Literário. Lia muito, às vêzes três vó-

lumes diàriamente. Tomava nota dos livros que ia lendo e dos vocábulos que dependiam de consultas a dicionários. Trabalho que muito lhe valeu futuramente, quando começou a escrever.

Não era pontual às aulas do curso secundário. Viam-no amiúde à sombra de uma árvore, em frente do liceu, enfrochado na leitura de um romance de Coelho Neto, Balzac ou Flaubert. Todavia, dava bem conta do recado por ocasião dos exames. Seu professor de Português, Dr. Nuno Pinheiro de Andrade, obsequiou-o com uma edição de *D. Quixote* pelo brilhantismo de suas composições, originais e perfeitas.

Durante o dia, quando não freqüentava as aulas ou o Gabinete Literário, deixava-se ficar no sobradinho do solar avoengo, lendo, escrevendo ou olhando, de uma das janelas, as árvores do quintal, de cujas copas partia a chirriada dos sanhaços, bilros e gralhas.

Durante a tarde, saía a passeio até a Ermida de Santa Bárbara, sôbre um outeiro, de onde se descortinava lindo panorama, ou então, do parapeito da Ponte da Lapa, apreciava o lento rolar das águas do Rio Vermelho e o vôo cruzado das andorinhas pelo espaço varrido de nuvens.

Os goianos viam nêle um rapazola esquisito, excêntrico, amalucado. É que Hugo não era da mesma raça dos demais. Constituía uma exceção à parte no meio aburguesado daquela gente acostumada ao terra-a-terra de todos os dias.

Em fins de junho de 1910 o futuro regionalista estréia no jornalismo, sob as iniciais H. R., com um ensaio “Lágrimas e Risos”. Obtendo sucesso, iniciou na *Imprensa* de Goiás uma secção “Silhuêtas” sob o pseudônimo de João Bicudo. O belo conto “Saci” data dessa época.

Já então conhecia a fundo a literatura de vários povos. Balzac, sobretudo, o mago dissecador da alma humana, lhe era familiar. Dentre os escritores nacionais, admirava Coelho Neto, Afonso Arinos, Euclides da Cunha e o grande Olavo Bilac, cujos versos harmoniosos sabia de cor, recitando-os em solilóquio sempre que um pensamento mau lhe torturava o espírito.

De 1910 a 1912, em que sua imaginação se perde no fantástico e no macabro, datam os inúmeros contos e ensaios que publicou na imprensa goiana, a maioria, porém, perdida por não existir a coleção desses hebdomadários.

“Saci”, “Pelo Caiapó Velho”, “Conto da Roça” denunciam já o regionalista, embora seu gênero predileto fôsse o de Hoffmann, Pöe e Murger.

Sua fecundidade literária, num estilo original, de rico vocabulário, enche de espanto a mocidade estudiosa da terra, mesmo os mais refratários às manifestações de arte.

Num concurso da Secretaria das Finanças obtém o 1.º lugar entre dezenas de candidatos, sendo logo nomeado. Contudo, não se alegrou com essa vitória, acabrunhado como andava com a doença do pai, que veio a falecer a 9 de novembro de 1911 no Rio de Janeiro.

Em 1912 desejou ir para a ex-Capital Federal, embora temesse abandonar a vida rotineira que levava. Apegava-se à rotina como o náufrago à vida. Nessa alternativa lhe vinha uma profunda nostalgia, menos funda, dizia êle, que o sombrio *spleen* dos filhos do Norte, mas doce e suave pela atenuante do encontro com os que lhe eram caros.

Em fins de março de 1912 chegava ao Rio de Janeiro. O que mais o seduzia era conhecer de perto o grande estilista do *Jardim das Oliveiras*. Não apenas Coelho Neto, mas tôda a coletividade de artistas que gravitavam em tôrno dêsse mestre da prosa brasileira.

Na timidez de escritor provinciano, nunca se aproximou das rodas literárias do Rio.

Em agosto de 1912 *A Imprensa*, de Alcindo Guanabara, promove um concurso de contos entre jovens prosadores. Hugo concorreu com “O Garraio”, mas não se realizando o certâmen, o conto se perdeu.

A página regionalista “À Beira do Pouso”, que trouxera de Goiás, dedicou-a a Mário de Alencar, que sempre desejou conhecê-lo pessoalmente, mas a quem nunca apertara as mãos.

“A Bruxa dos Marinheiros” enviou a João do Rio para ser publicado na *Gazeta de Notícias*. Como demorasse a publicação do conto, o autor, sem se molestar, julgou fôsse êle parar na cesta de papéis inúteis. Num domingo, porém, a *Gazeta de Notícias* estampou em sua primeira página, com ilustração, o trabalho literário de Hugo, que foi convidado pelo célebre cronista para comparecer à redação daquele diário para ter a satisfação de conhecê-lo pessoalmente. No entanto, Hugo, no seu acanhamento de sertanejo recém-chegado ao Rio, lá não compareceu.

Continuava a viver isolado, absorvido em suas meditações. Recordava-se da terra natal, do sobradinho do casarão avoengo, de suas cismas pelas noites enluaradas, de seus passeios pelo Sítio da Chapada e pelos bairros tranqüilos da centenária cidade. E lhe vinha uma saudade imensa do passado, que já lhe parecia tão longe; um desejo ardente de recomeçar sua vida de adolescente na tranqüilidade e no silêncio de seu quarto de provinciano. Não se adaptava ao nôvo meio, nem queria ser por êle absorvido.

Raramente ia ao centro da cidade para uma visita às livrarias.

Tinha predileção pela Quinta da Boa Vista. Desde sua chegada ao Rio até seus últimos dias, ora só, ora em companhia de Gomes Leite, era lá que se esparecia, tonificando o espírito atribulado e inquieto. Sentia-se bem à sombra das árvores centenárias, vendo gansos e cisnes boiando silenciosamente pelos lagos artificiais. O estrídulo das cigarras nas jaqueiras dava-lhe a impressão de que se encontrava nas matas goianas e seu espírito se embebia a largos sorvos no panteísmo do velho parque imperial. Foi lá que se deixou retratar, na Ilha dos Amôres, em companhia de môças conhecidas, escrevendo no reverso da fotografia o soneto *País do Amor*.

O torrão nativo não lhe fugia do pensamento.

Ouvindo a chuva a cantar nas goteiras e cornijas, a sua imaginação voava para o passado, numa doce e longínqua *rêverie*.

Alta noite, a fumar da janela de seu quarto, distraía-se a ver a desfilada dos bondes, quase vazios, rumo do ponto final da linha, enquanto no jardim da vizinhança cães ganiam ao estralejar dos elétricos.

Por êsse tempo perigava-lhe a saúde. Fumava muito, não dormia e se alimentava pouco. Procurava lutar contra o mal que lhe ia tomando conta do organismo. Reagia, mas não deixava de escrever. Resmas de papel almaço se amontoavam sôbre sua mesa, páginas tristes, alucinantes, cujo sentido só êle compreendia. Aí estão, para atestá-lo, "Santa Teresa de Jesus", "Concertina", "Marcha Épica", "Hinário" e "*Turris Eburnea*".

Dispéptico, triste, acabrunhado, de pouca prosa, passava horas inteiras a caminhar de um canto a outro do corredor da casa da Rua General Canabarro, mãos cruzadas às costas, a recitar versos de Verlaine e Mallarmé, em solilóquio.

Um dia, pela manhã, reuniu tôda sua papelada e no pátio da casa ateou-lhe fogo.

Agravando-se-lhe a neurose, foi êle entregue aos cuidados de um psiquiatra, que o tratou com carinho durante quatro meses.

Voltou ao lar bem mais gordo, expansivo, com protestos de abandonar a Literatura e de cuidar de coisas mais práticas. Resolveu reiniciar os estudos e matricular-se na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais. Lia menos, fumava pouco, escrevia raramente.

Mais alegre e expansivo, travou conhecimento com Eduardo Tourinho, Gomes Leite, Dilermando Duarte Cox, Antenor Almeida, que passaram a lhe freqüentar a residência.

Escreveu, durante êsse período de calma, "Caminho das Tropas", "Mágoa de Vaqueiro", "Poldro Picaço", "Ninho de Periquitos" e "Nostalgias".

O ano de 1915 principiou sob os melhores auspícios para o jovem provinciano. Era acadêmico, gozava ótima saúde, mais sociável, com belos projetos de futuro. As velhas leituras, que tanto lhe intoxicaram o espírito, aquêlo romantismo doentio que só lhe fazia ver o lado mau do Mundo, não mais o

influenciavam. Punha de parte suas tendências simbolistas, sua visão deformada da realidade, para se embrenhar inteiramente no regionalismo, explorando com rara acuidade o folclore da terra natal, cujo sertão conhecia a fundo.

Em 1916, já no 2.^o ano jurídico, começou a colaborar n'*A Época*, revista da Faculdade, sob a direção de Cláudio S. Ganns.

Seus trabalhos literários chamaram logo a atenção dos condiscípulos, que viam nêle um dos renovadores das letras nacionais.

Recebendo constantemente a visita de Gomes Leite e Eduardo Tourinho, comparecendo raramente às aulas da Faculdade, ia, no silêncio da noite, preparando as páginas de *Tropas e Boiadas*, selecionando, corrigindo os contos que trouxera de Goiás e escrevera no Rio.

Em dezembro de 1916 combinou com a *Revista dos Tribunaes* a impressão da obra. Confiava no êxito de sua estréia.

Vieram-lhe as provas e o *Jornal do Comércio*, edição da tarde, de 15 de fevereiro, e *A Notícia*, de 23, informavam que estava para aparecer um livro de jovem escritor goiano, Hugo de Carvalho Ramos.

Em fins de fevereiro de 1917 estava pronta a primeira edição de *Tropas e Boiadas* e Hugo logo distribuiu os exemplares pela Imprensa e livrarias.

A ótima impressão causada pela leitura dos contos foi unânime. Todos viram no autor o renascimento da literatura sertanista em nosso País. Os primeiros a saudá-lo foram Antônio Tôrres pela *A Notícia* e Medeiros e Albuquerque pela *A Noite*.

Hugo sentiu-se recompensado com a boa acolhida de seu livro. Mas nem por isto se julgou com direito de impor-se com empáfia nos meios culturais do Rio. Continuou retraído, modesto, arredio de "igrejinhas" literárias. Recusou-se a apresentar-se aos que desejavam conhecê-lo pessoalmente.

Em 1918 a par de algumas poesias que ia escrevendo, traça as páginas vigorosas de *O Interior Goiano*, que pretendia desenvolver mais tarde num estudo social da vida interior-

rana. Aí explica êle o que é o sertão e descreve os vários tipos de sertanejos, com seus males, superstições e modo rotineiro de cultivar a terra. Verifica que os carreiros e tropeiros, elementos de comércio, vão desaparecendo do *hinterland* pelo avançar da civilização.

Em dezembro, durante as férias, vai descansar em Itanhandu, na região serrana de Minas. Revigora-se-lhe o organismo com o ar puro das montanhas e êle aproveita o tempo para andar a cavalo, observar as paisagens e plantações, conversar com roceiros. Escreve, num caderno, a lápis, o seu diário, que é uma documentação interessante de suas horas de repouso. Assim termina o diário de Hugo, escrito a 10 de dezembro de 1918: "Há sete anos, desde minha viagem de Goiás, em que atravessara o Anicuns transbordando, passando na 'pelota' carga e depois os animais a nado, que não cortava as águas duma linfa clara. Pus aqui em prática os princípios natatórios à moda do índio de minha terra — um banho matinal no caudaloso Rio Verde, de águas mui frígidas e enfiadoras de músculos, abrindo o apetite para o succulento almôço das dez, que a cozinheira do hotel fornece segundo os bons preceitos da tradição mineira. Se não enterrar desta vez a neurastenia de cidade num nôvo de caneleira que avisto daqui sôbre o verde daquele outeiro, então, é perder de vez a esperança..."

Recuperava a saúde, extasiando-se com os cenários que lhe lembravam os da terra que tanto amara. Não ficava no hotel em bate-bôca com hóspedes, a jogar víspera e a namorar veranistas. Madrugava, e, como um fauno, saía à caça das violetas e flôres silvestres, amassando-as nervosamente nas mãos, examinando-as com o cuidado de um herbanário, confrontando as denominações locais com as que conhecia de outras regiões. Deleitava-se na majestade dos crepúsculos, da luz do sol poente a esbater-se nas agulhas da Mantiqueira. Sentia-se bem entre as árvores dos campos e das matas, cujas vozes misteriosas escutava e compreendia.

Foi com pesar e tristeza que regressou ao Rio de Janeiro em 13 de abril de 1919.

O curso jurídico chegava ao fim. Hugo não conseguiu obter um "simplesmente" na cadeira de Prática do Processo Civil e Comercial, vendo-se obrigado a interromper suas férias para o exame de segunda época.

Esse fracasso o desconcertou. Em seu caderno de notas escreveu esta opinião de Fialho de Almeida, da *Vida Irônica*: "Em face aos regulamentos de certas escolas o ideal dos estudantes seria o burro. E quantas vêzes não é o burro o ideal dos professores."

Desiludido, mergulha de corpo e alma na Literatura, único consôlo para seu espírito já saturado de leituras.

Espera reeditar *Tropas e Boiadas*, acrescentando à nova edição mais três contos: "Caçando Perdizes", "Alma das Aves" e "Peru de Roda".

Não fêz o exame em segunda época. Como Álvares de Azevedo, Castro Alves e Fagundes Varela, morreu sem colar grau.

Agora, o que êle esperava era escrever alguma coisa de definitivo, algo que fôsse imorredoiro. Já havia pago o seu tributo ao Simbolismo e achava que devia cooperar, evitando escolas e modismos inadequados ao meio nacional, na obra de alevantamento dos alicerces da literatura brasileira, aproveitando o magnífico fundamento assente pelos escritores maiores, e, por intermédio da Arte, realizar a tarefa patriótica descuidada pelos políticos—"o estreitamento cada vez mais íntimo dos vários departamentos da União, pela harmonia superior da mesma vibração de sentimentos e a mesma uniformidade de destinos". E acrescenta que o seu mais "prático veículo será ainda, por muito tempo, a fórmula regional, em seu sentido lato".

Os colegas amigos, concluído o curso, seguiram seus rumos. Viu-se de nôvo isolado.

A convite de seu mano Victor vai passear em Uberaba. Nenhum traço, por enquanto, de qualquer depressão nervosa. De Uberaba segue para Araxá como agente especial do recenseamento, com sede nessa estância balneária.

O serviço era, em parte, penoso, pois o município contava vários distritos, distantes uns de outros, e o transporte se fazia em lombo de animal quando não havia autovias e estrada de ferro.

Queixava-se da falta de livros, de notícias do Rio e de Goiás. Pediu ao irmão lhe remetesse o caderno de retalhos de jornais que deixara em Uberaba.

Nas missivas à família contava a penúria do cargo e descrevia as belezas da região.

No hotel, repleto de aquáticos, improvisavam-se divertimentos. Tôdas as noites os hóspedes refratários à jogatina se deliciavam com um trio de piano, violino e flauta e a sobrinha do hoteleiro, com linda voz, cantava modinhas.

Tinha preparado a segunda edição de seu livro, mas não aceitou a proposta de Monteiro Lobato & C^omp.

Devido talvez ao excesso de serviço, ao clima, ao frio, às caras novas que iam lotando o Cassino, Hugo começou a sentir-se mal, ameaçado de nova crise de misantropia e desespero, que êle atribuía ao apartamento em que vivia, "neste sertão, longe de tudo e de todos".

Em princípios de dezembro, concluídos os trabalhos censitários, Hugo regressou a Uberaba completamente deprimido, lívido, magro, insone, acabrunhado. Embarca logo para o Rio de Janeiro, onde o convívio com a família lhe amenizou por algum tempo os nervos.

Acentuando-se-lhe a crise espiritual, sai em vilegiatura pelo Estado de S. Paulo. De volta ao Rio, resolveu ir ter com a irmã, que veraneava em Resende.

Dessa cidade fluminense, em 7 de março de 1921, escreve à mãe: "Tenho passado insone estas últimas noites e desde que Nenê [a irmã] se foi, ficando só e sem companheiro para passeios, vou perdendo tôda a animação do comêço. Tenho tomado êstes últimos dias os remédios que trouxe comigo."

Estava de nôvo só. A solidão para êle era insuportável. Tem-se a impressão de que seu pavor ao isolamento se devia a não poder resistir ao impulso para o suicídio, desde que sentia que a razão, vacilante, estava a fugir-lhe.

A 20 março, ainda em Resende escreve ao irmão o último postal. Assim o finaliza: "Tenho por aqui feito várias caçadas e pescarias em canoa pelo Paraíba. A terra de Gomes Leite é em tudo encantadora. À noite fito o cume do Itatiaia, ao luar... Vou-me fortificando. Espero que me dê notícias tuas."

A 31 de março escreve a Leônidas de Loiola o derradeiro bilhete de que se tem notícia, prometendo enviar-lhe alguns versos para a imprensa de Curitiba e avisando que ficava adiada a publicação nova de seu livro.

Nada até então denotava que êle pudesse desertar da vida pelas próprias mãos.

Nos primeiros dias de maio de 1921 agravam-se-lhe os incômodos.

Passa a dormir sob as vistas da família.

Quase não falava, numa tristeza profunda, ensimesmado.

Percebia-se, no seu íntimo, a batalha final de suas emoções, o conflito terrível entre ser e não-ser, entre viver ou morrer, entre mergulhar na noite tórva da inconsciência ou libertar-se de vez da agonia que o atenazava.

Faz de nôvo um auto-de-fé de seus últimos escritos.

Traça, numa fôlha de papel, numa caligrafia miúda, às vezes indecifrável, pensamentos sombrios, de quem já estava com o raciocínio obnubilado. "Ai! os vivos, Senhor, os vivos!" foi a sua derradeira exclamação.

Ao amanhecer do dia 12 de maio foi seu corpo encontrado dependurado da escápula da rêde em que acostumava deitar-se.

À tarde, os jornais noticiavam que havia morrido um bacharel.

Um bacharel!...

Uberaba (Minas), agosto de 1964.